

REDS / 1981

(Reds)

um filme de Warren Beatty

Realização: Warren Beatty / **Argumento:** Warren Beatty, Trevor Griffiths / **Fotografia:** Vittorio Storaro / **Montagem:** Dede Allen, Craig McKay, Katherine Wenning, Sam Fine, David Reibman / **Direcção Artística:** Simon Holland, Fernando Gonzalez, Vesa Tapola / **Música Original:** Stephen Sondheim / **Música Adicional:** Dave Grusin / **Coreografia:** Gillian Gregory, Stefan Wenta / **Figurinos:** Shirley Russell / **Conselheiros Históricos:** Robert A. Rosenstone, Zelad Barron, Jeremy Pisker, Zina Voynow / **Intérpretes:** Warren Beatty (John Reed), Diane Keaton (Louise Bryant), Edward Herrman (Max Eastman) Jerzy Kozonski (Grigori Zinoviev), Jack Nicholson (Eugene O' Neill), Paul Sorvino (Louis Fraina), Maureen Stapleton (Emma Goldman), Nicolas Coster (Paul Trullinger), M. Emmet Walsh (orador no Clube Liberal), Ian Wolfe (Mr. Partlow), Bessie Love (Mrs. Partlow), MacIntyre Dixon (Carl Walters), Pat Starr (Helen Walters), Eleonor D. Wilson (Mrs. Reed), Max Wright (Floyd Dell), George Plimpton (Hoarce Whigman), Hatty Ditson (Maurice Becker), Leigh Curran (Ida Raugh), Kathryn Grody (Crystal Eastman), Brenda Currin (Marjorie Jones), Dolph Sweet (Big Bill Haywood), Ramon Bieri (Chefe da polícia), Gene Hackman (Peter Van Wherry), William Daniels (Julius Gerber), Joseph Bulof (Joe Volski), R. G. Armstrong (Agente federal), Josef Sommer (Oficial do Departamento de Estado). Testemunhos: Roger Baldwin, Henry Miller, Adele Rogers St. John, Dora Russell, Scott Nearing, Tess Davis, Heaton Vorse, Hamilton Fish, Isaac Don Levine, , Rebecca West, Will Durant, Will Weinstone, Oleg Kerensky, Emmanuel Herbert, Anne Swaback, Adele Nathan, Georges Seldes, Kenneth Chamberlain, Blanche Hays Fagen, Galina Von Meck, Art Shields, Andrew Dasburg, Hugo Gellert, Dorothy Frooms, George Jessel, Jacob Bailin, John Ballato, Lucita Williams, Bernadine Szold-Fritz, Jessica Smith, Harry Carlisle, Arthur Mayer.

Produção: Warren Beatty, para a Paramount / **Cópia:** DCP, colorida, com legendas eletrónicas em português, 195 minutos / **Estreia Mundial:** Dezembro de 1981 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, em 1 de Abril de 1982.

À primeira vista **Reds** parece um filme estranho e aparentemente inconcebível no cinema americano. Trata-se, de facto, de um romântico *biopic* sobre um comunista, figura que no cinema de Hollywood era até então usada como símbolo do Mal e como vilão nos thrillers de espionagem. A détente do fim da década de 50 lá fez aparecer algumas personagens simpáticas mas com uma carga de ambiguidade suficiente para manter as distâncias. E por altura da produção de **Reds** as coisas não andavam muito bem, com o embargo de trigo dos EUA à URSS e só três anos depois Gorbachev chega à cúpula do sistema iniciando as reformas que levariam à queda do império soviético. **Reds** acabou por receber uma chuva de nomeações para os Oscars conquistando três estatuetas: Warren Beatty como realizador, a fotografia de Vittorio Storaro e Maureen Stapleton pela sua interpretação de Emma Goldman. Não significa isto que a Academia (e as classes nela representada) tivessem mudado ideologicamente. Neste caso tratava-se de algo mais comezinho: a defesa de um investimento. A crítica americana, por seu lado, parece também ter alinhado no

esquema, ao referir-se ao filme de Beatty como uma mistura de "*Citizen Kane* com *Dr. Zhivago*".

Visto de mais perto, ou com mais atenção, percebe-se bem que **Reds** é politicamente um filme estimulante como os acordos da Internacional, mas inofensivo, remetido tranquilamente para o passado, enquanto como ficção melodramática e como trabalho em si próprio, é notável.

Começando pelo que é mais transparente repare-se na montagem onde Dede Allen (aqui com vários colaboradores) mostra uma maestria admirável num trabalho que lhe valeu a nomeação para o Oscar, e que reflecte a influência da "montagem de atracções" de Eisenstein, com um sistema de alternância das acções já patente nos seus trabalhos para Kazan (**America America**) e, principalmente, Arthur Penn em **Bonnie and Clyde** (que provocou uma semi-revolução nesse campo no cinema americano) e **Little Big Man**. Em **Reds** a eficácia do seu método é visível na sequência emotivamente mais conseguida de todo o filme, a da reunião do Partido Bolchevique e a revolução em Petrogrado, um trabalho que se inspira (como não podia deixar de ser) no mestre do cinema soviético e em particular em **Oktiabr**, filme que nos EUA é conhecido com o título do livro de John Reed, *10 Dias Que Abalaram o Mundo*, a exploração da imagem do comboio da revolução e a montagem paralela final entre a busca de Louise Bryant e os últimos e desencantados actos de Reed.

Como ficção dramática **Reds** é um filme dentro da melhor tradição do cinema americano, na medida em que explora a clássica figura do idealista, um homem temperado pelo conhecimento da injustiça e disposto a lutar contra ela, a estar em "qualquer lado" onde o povo sofra e combata (o "*I'll be there*" de Tom Joad em **The Grapes of Wrath**). Mas o John Reed de Warren Beatty está mais próximo do herói individualista americano do que o revolucionário que se desejava (e terá sido) pelo próprio destino final onde acaba por sofrer a desilusão do caminho que levam os seus sonhos e esperanças do futuro, vendo levantar-se já em plena guerra civil, o Thermidor que irá acabar com a revolução e instaurar uma nova autocracia. Beatty está também mais interessado na história romântica, na ligação de John Reed com Louise Bryant, do que com a revolução, não hesitando em modificar a personagem feminina para estar conforme com as regras do melodrama, sendo apagada como activista e jornalista para surgir mais ou menos como uma sombra de John Reed.

Reds tem ainda uma característica que o distingue do habitual *biopic* cinematográfico. Warren Beatty procura fazer com que o seu filme transmita um efeito de realidade explorando o sistema que é habitual em biografias televisivas, o de entrevistas com personalidades reais conhecidas dos biografados. A distância temporal, porém, não ajuda no caso de **Reds**, e poucos testemunhos passam da banalidade. Além disso, Beatty não identifica no filme as testemunhas (embora tenham todas o nome no genérico) pelo que poucas são as que o espectador pode reconhecer, um Henry Miller e uma Rebecca West, por exemplo.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico